



## **O Futuro do Jornalismo Esportivo no Brasil – As lições dos Jogos do Rio e de Pequim<sup>1</sup>**

Luciano Victor Barros Maluly<sup>2</sup>  
Universidade de São Paulo, São Paulo (SP)

### **Resumo**

Este artigo propõe alternativas para a ampliação da cobertura esportiva nos meios de comunicação de massa, atualmente direcionada ao futebol e, em menor escala, ao automobilismo e a certas modalidades tradicionais ou com apelo comercial. A possibilidade do acompanhamento periódico das demais modalidades esportivas, assim como a orientação para a atividade física, proporcionam uma possível massificação do esporte no Brasil, com ênfase não somente na competição, mas também no lazer e na saúde pública. Neste contexto, as lições dos Jogos Olímpicos de Pequim e dos Jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro revelam um campo de atuação ainda a ser explorado pelos comunicadores, principalmente, os jornalistas.

### **Palavras-chaves**

Jornalismo, Esportes, Olimpíadas, Jogos Pan-americanos.

### **Introdução**

Ampliar a agenda esportiva é um desafio para os profissionais de comunicação, principalmente, pelo predomínio do futebol nas transmissões e noticiários brasileiros. O possível monopólio do esporte mais popular do país limita a espaço para a divulgação dos demais esportes olímpicos e da atividade física, causando sérios prejuízos tanto para o esporte, pela fuga de praticantes e patrocinadores, quanto para o jornalismo, pelo escasso campo de cobertura.

A programação esportiva é substituída pela futebolística, com produções repetitivas, envolvendo sempre os mesmos personagens como jogadores, treinadores, árbitros e torcedores dos grandes clubes. Antes e após as partidas, a ampla cobertura, seja nas emissoras de televisão e rádio, na Internet ou nos jornais e revistas impressas falam de tudo, reproduzindo periodicamente o mesmo cenário dos campeonatos e das agremiações.

A participação de outras modalidades se restringe aos esportes com um alto investimento da emissora ou de patrocinadores, como o automobilismo, principalmente

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao GP Comunicação e Esporte, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor de Radiojornalismo e Doutor em Ciências da Comunicação, ambos na ECA-USP, email lumaluly@usp.br.



a Fórmula Um, ou de tradição e organizadas, como o tênis, o basquete e o vôlei. Já as demais modalidades integram a cobertura somente quando algum atleta ou equipe se destaca, seja por conquistas internacionais ou pela ausência de apoio.

De um lado, um jornalismo baseado colunismo social, com a supervalorização dos personagens e das competições e, de outro lado, atletas e modalidades esquecidas por falta de investimento e divulgação. Rotina quebrada de dois em dois anos diante da realização dos jogos pan-americanos e os jogos olímpicos. Surge então a possibilidade de ampliar a agenda dos grandes meios, com a variação da pauta nos cadernos e programas esportivos. As diferentes modalidades começam a integrar o noticiário, aproximando o público das regras e dos novos ídolos.

As principais lições dos Jogos do Rio e de Pequim é que ainda existe um vasto campo a ser explorado pelos comunicadores, assim como é necessário a abertura para uma ampla discussão sobre a padronização da cobertura esportiva e as possíveis alternativas para a implantação de uma política para massificar o esporte e a atividade física no Brasil.

### **Lição 1 - Jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro**

Enquanto os atletas buscavam medalhas nos XV Jogos Pan-americanos, que aconteceram entre 13 e 29 de julho de 2007, na cidade do Rio de Janeiro, muitos brasileiros estavam ligados nos noticiários, sedentos por informações sobre a performance dos principais representantes do país. Independente dos resultados, a população estava orgulhosa, porque muitos atletas superavam as dificuldades pelo talento e esforço, merecendo toda torcida e respeito.

Em paralelo, muitas pautas estimulavam o exercício físico como uma possível defesa contra o sedentarismo. O esporte é assim, propicia ao cidadão comum a oportunidade de melhorar a rotina e a qualidade de vida, com a saúde perfeita, para realizar as atividades diárias com prazer e disposição.

O incentivo vinha também pela divulgação das diversas modalidades esportivas, muitas desconhecidas, como o badminton, o hóquei sobre grama ou o softbol, entre tantas que



o público acompanhava ou mesmo praticava. Naquele momento tão importante para o país, os jornalistas ampliavam o conhecimento sobre o desporto, antes limitado apenas aos esportes profissionalizados ou com alto investimento.

O oportunismo foi constante nesse processo, já que é comum, por uma parcela da imprensa, exaltar os atletas apenas em ocasiões especiais como durante as disputas dos jogos olímpicos, dos jogos pan-americanos e de competições internacionais, como os campeonatos mundiais. Também é importante destacar que certas modalidades sem apelo mercadológico integram a cobertura somente diante de um resultado expressivo, como é o caso do tae kwon do, com o campeão pan-americano Diogo Silva, que durante os jogos reclamava dos R\$ 600,00 atrasados de ajuda de custo. São exemplos de atletas que se tornam celebridades durante alguns dias, mas depois somem dos noticiários, inclusive os especializados, voltando apenas quando este quadro se repete.

Os Jogos Pan-americanos foram essenciais para o início de um amplo debate sobre os rumos do esporte, como também da cobertura jornalística especializada no Brasil. Observou-se uma abertura dos canais de comunicação aos atletas que sempre criticavam o descaso das autoridades para com o esporte. Do mesmo modo, um grupo de jornalistas e colaboradores, principalmente ex-esportistas, estavam preparados para a cobertura, sem se apegar ou camuflar a informação por meio de matérias sem profundidade.

O desporto em geral integrou, periodicamente, a agenda dos principais jornais e programas, inclusive com matérias explicativas sobre certas modalidades com regras complicadas, como o beisebol. Esportistas, antes conhecidos apenas por uma pequena parcela do público, foram tratados como personalidades, talvez pela oportunidade de representarem o país para, se possível, conquistarem um lugar de destaque no pódio e, por conseguinte, uma medalha para o Brasil, ou mesmo por poderem, simplesmente, divulgar a sua modalidade.

Porém, o que mais assusta são as dificuldades porque passam os atletas nacionais. Obstáculos superados pela dedicação e pelo amor ao esporte. Adversidades que prejudicam os treinamentos, bem como a performance dos esportistas durante as competições. A organização de um calendário esportivo propiciaria uma preparação



adequada decorrente do planejamento, sendo possível prever os picos de alta performance e rendimento durante as disputas.

Muitos esportes ainda funcionam e são dirigidos com amadorismo não sendo respeitada uma agenda por meio de competições periódicas. Sem uma política permanente de incentivo por parte do setor público e privado, incluindo os meios de comunicação, poucos atletas, mesmo após o encerramento da carreira, sobreviverão apenas do esporte, como os que hoje estão ligados a certas modalidades como o futebol. Se existisse cobertura jornalística, talvez este problema seria reduzido.

## **O Esporte**

O importante seria aproveitar momentos de repercussão da agenda jornalística para divulgar e rediscutir a política desportiva no Brasil, possibilitando ao cidadão comum o livre acesso ao esporte e à educação física. São momentos para pensar em um projeto que integre os setores ligados ao esporte, fazendo com que, em cada ponto de coletividade, as pessoas possam praticar alguma atividade física e que os esportistas estejam preparados para representar o país com dignidade. Ocasão própria para ultrapassar as barreiras da falta de estrutura com o objetivo de popularizar o esporte, fomentando a prática pela possibilidade de integração ou ascensão social.

Esse projeto político não pode descartar o trabalho já iniciado pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB), pelo Ministério do Esporte, pelas confederações, pelos clubes, pelas empresas, entre outros setores, como as instituições de ensino, que investem no esporte e também na educação física. O futuro planejamento permite ampliar a rede de participações, por meio dos programas de fomento já existentes. Muitas modalidades possuem uma seleção nacional permanente, como da ginástica.

Uma das alternativas é que cada estado da nação tenha a sua seleção, criando um circuito nacional para cada modalidade esportiva. Os melhores seriam selecionados para a equipe nacional, representando o país em competições internacionais, sendo o quadro de atletas renovado constantemente, respeitando um critério de seleção justo, definido anteriormente e de preferência regulamentado. Essa proposta não exclui os clubes, universidades, empresas, que, se desejassem, participar do circuito. Caso também ocorra



algum interesse ou se o estado possua uma população numerosa, como São Paulo, circuitos regionalizados seriam realizados paralelamente ao circuito nacional.

Outra forma de estimular a prática desportiva é integrar o esporte às instituições de ensino, estimulando cada uma (pública ou privada) a investir em determinada modalidade, fazendo com que, além de uma ajuda de custo, semelhante ao atual programa Bolsa-Atleta, ou mesmo de um trabalho, sendo contratado pela instituição, o esportista tenha a oportunidade de continuar os estudos, conquistando uma outra profissão que poderá auxiliá-lo após a aposentadoria. Nesse caso, os atletas representariam a universidade ou mesmo a seleção local no possível circuito. Além disso, a possibilidade de um futuro por meio da universidade traria segurança para se dedicarem aos treinamentos. No caso da educação básica, é importante valorizar as outras modalidades já trabalhadas pelos professores de educação física, sendo possível o aluno em formação vivenciar diferentes práticas esportivas para fazer uma escolha futura.

## **O jornalismo**

Uma vez organizada a prática desportiva, cabe ao jornalismo divulgar as competições, pelo menos, informando ao público sobre os diversos torneios. Fica aqui o modelo da cobertura cultural de cinema publicada nos principais jornais impressos brasileiros. Os cadernos especializados possuem um registro periódico dos filmes, com instruções para o leitor sobre os espetáculos em cartaz. São guias que incluem informações básicas, como a sinopse, o local, o horário, preço do ingresso etc. A imprensa poderia fazer o mesmo com o esporte, criando uma agenda esportiva, com informações sobre as principais competições esportivas.

Os guias de orientação, publicados nos jornais impressos e na Internet, e os boletins especializados com um resumo do dia, exibidos nas emissoras de Rádio e Televisão, são exemplos que precisam ser contínuos e não limitados apenas ao período de grandes competições. Ampliados, esses informes também incluiriam, além dos torneios, os locais disponíveis para práticas esportivas e/ou físicas, como parques e clubes, bem como a agenda programada dessas atividades.



A participação dos torcedores nos locais de competições e o estímulo para a prática desportiva ou física dependem, e muito, de uma possível interpretação. Trabalho difícil para os profissionais que estão acostumados, conforme a cultura das redações, com a cobertura dos principais esportes. Uma possível abertura para as variadas modalidades modificaria a atual estrutura das pautas, fazendo que os profissionais conheçam a função social do esporte, por meio de reportagens diversificadas, e também para o público, pela novidade no conteúdo dos noticiários.

A torcida é pela continuidade do momento vivido durante os Jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro. Para isso, as modalidades esportivas estariam inseridas na agenda jornalística, sem depender de grandes eventos ou do interesse mercadológico ou político. Do mesmo modo, os atletas necessitam das condições mínimas de preparação para competir em igualdade de condições com os atletas de países, como os Estados Unidos da América, que têm o esporte como base da pirâmide social.

E que em cada canto deste Brasil, tenha uma atleta que sirva de exemplo para a sociedade, estimulando as pessoas a sair de casa e praticar um exercício, pelo menos, meia hora por dia. Do planejamento esportivo e jornalístico surge uma esperança para os brasileiros que ainda sonham com uma sociedade saudável e informada.

## **Lição 2 - Jogos Olímpicos de Pequim**

O modelo de cobertura jornalística para grandes eventos, como os Jogos Olímpicos de Pequim, que aconteceram na China de 8 a 24 de agosto de 2008, traduziu uma possível pluralidade no conteúdo dos meios de comunicação de massa, justamente por possibilitar uma ampliação da atual agenda esportiva. As diversas modalidades, inclusive as desconhecidas, foram massificadas na mesma proporção do apoio destinado ao futebol e aos esportes de rentabilidade segura, como o automobilismo, o tênis e, atualmente, o voleibol, que são estimulados pelo patrocínio, organização e repercussão internacional. O conteúdo dos noticiários e das transmissões esportivas esteve pautado pela programação diversificada, que privilegiou o esporte como um todo, trabalhando o jornalismo de interesse público, como reforça o professor José Coelho Sobrinho, em suas aulas no Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP.



A continuidade desse trabalho – com pequenos ajustes, como a inclusão da educação física – é essencial para a valorização dos noticiários e transmissões especializadas, modificando o atual sistema, que estimula a padronização dos canais, semelhantes em formato e conteúdo. O quadrado *futebol - esportes midiáticos - desporto em geral - atividades físicas e esportivas* permite o equilíbrio na cobertura jornalística. Sendo assim, o interesse da população aumenta por causa do acompanhamento periódico da programação e dos cadernos esportivos.

A principal mudança é a aglutinação dos dois últimos setores, que integrariam a agenda esportiva pela transmissão seletiva de, pelo menos, uma modalidade e uma atividade por dia, escolhida conforme os critérios de seleção determinados pela linha editorial do jornal. A variação da pauta é uma alternativa contra o atual estágio de plágios e repetições observado no jornalismo esportivo brasileiro.

## **O Futebol**

Em 1981, o jornalista, professor e pesquisador Ouhides João Augusto da Fonseca defendeu, na ECA, a tese de doutorado *O cartola e o jornalista: influência da política clubística no jornalismo esportivo em São Paulo*. O contexto estudado por Fonseca é ainda visível na cobertura nacional, com os assuntos relacionados aos clubes de futebol predominando nos cadernos de esportes. Uma dependência que domina a cultura jornalística, prejudicando a seleção das notícias. Conforme o planejamento, as demais modalidades são apenas complementares, escolhidas pela ordem de interesse e de valor. Além do futebol, as demais pautas se relacionam às competições midiáticas (transmitidas pelas emissoras), aos campeões (atletas/equipes com destaque, principalmente, no cenário internacional) e, por último, ao cotidiano (histórias motivadas pelas dificuldades/superação).

A monocultura do futebol é reproduzida na maioria dos jornais, independe da mídia. Porém, a fórmula está ficando desgastada e perigosa, com o público sendo obrigado a consumir as notícias de um único esporte, que são reprisadas, muitas vezes, durante vários dias.



A política do esporte também mascara os problemas do futebol. Dois terços do calendário são destinados ao campeonato brasileiro (séries A e B), privilegiando um grupo de apenas 40 clubes e pouco mais de mil jogadores, sendo o restante das agremiações fadado a campeonatos deficitários, como a série C e torneios organizados pelas federações, como a Copa Federação Paulista de Futebol. Em 2009, a CBF reorganizou a série C e criou a série D. A solução para esse novo torneio poderia ser um campeonato integrado, com a fase de classificação organizada pelas federações e a fase final, com 32 clubes reagrupados no sistema *mata-mata*, financiada pela CBF. O esquema é um estímulo para os cartolas, jogadores e até para a mídia, pela regionalização da primeira fase e a nacionalização da segunda etapa, o que auxilia na busca de anunciantes e na sobrevivência de milhares de jogadores durante o ano todo.

### **Os Esportes midiáticos**

Além do futebol, as pessoas acompanham, periodicamente, outras modalidades, como o automobilismo, principalmente a Fórmula 1, o tênis e o voleibol, que se mantêm na mídia pelo patrocínio, pela organização e pela repercussão internacional. São espaços privilegiados pela concessão das grandes redes, como a Globo. É o noticiário da própria programação. Um quadro para ser expandido, porque o esporte é acessível, dinâmico, podendo ser adaptado conforme a situação física e financeira.

A preferência por um desporto depende do acesso e, por isso, o público conhece o automobilismo, mesmo sem poder praticar a modalidade, principalmente pelo alto custo. O quadro se repete durante os Jogos Olímpicos ou os Jogos Pan-Americanos. Muitas pessoas se aproximam de outras modalidades estimuladas pelas transmissões e pelo jornalismo, descobrindo que o esporte está próximo de sua vida, transformando o cidadão comum em um esportista ou, pelo menos, um torcedor, amante do esporte.

Durante as disputas, o cidadão vibra com a possibilidade de conquista de esportes tradicionais, como a vela, o voleibol, o judô e o hipismo, entre tantos outros (o basquete, o atletismo e a natação) que sempre trazem o orgulho de ser brasileiro, naquele misto de alegria e tristeza pela superação exemplificada no acompanhamento, pelo olhar à bandeira e pelo soletrar do Hino Nacional.





Ao massificar o esporte, o jornalismo tem a possibilidade de conduzir a pauta para além da ânsia pela busca de medalha, mostrando também o cotidiano dos atletas brasileiros, que lutam contra a falta de apoio, muitos deles com medo de o futuro ser igual ao passado, ou seja, alimentado apenas pela esperança. Neste período, o descaso para com o desporto precisa ser discutido, com a "superação" e a "vergonha" determinando a linha editorial dos jornais brasileiros (independente do veículo), sendo as vitórias exaltadas como bandeiras dos repórteres contra a ausência de uma política esportiva nacional.

O debate permite a cobrança da organização de torneios pelas entidades responsáveis, assim como determina uma abertura da programação das redes. Se as emissoras procuram entretenimento, as federações oferecem competições.

### **O Desporto em geral**

O período de Jogos Olímpicos é sempre uma oportunidade para os jornalistas brasileiros discutirem uma mudança no planejamento das futuras coberturas esportivas. Um debate que permita reavaliar a grade de programação, principalmente das emissoras especializadas, bem como a pauta dos noticiários esportivos. O compromisso é de auxiliar o esporte brasileiro, desde o sustento dos atletas até a divulgação das competições.

O estímulo ocorre quando os atletas são mantidos nas manchetes dos principais jornais, tendo o mesmo tratamento dos jogadores de futebol que atuam nos clubes brasileiros e, ainda mais, na Europa. O requisito é que estejam atuando, com seus nomes sendo citados durante a cobertura das principais competições da modalidade, bem como em eventos de interesse midiático, principalmente pela televisão. Na cobertura diária, as diversas modalidades (olímpicas ou não) integrariam o espaço dos periódicos, diferente da prática atual, que relega os esportes considerados "amadores" – talvez pela falta de apoio – à transmissão de especiais ou breves relatos emitidos aleatoriamente pelos meios de comunicação de massa.

A ênfase da mídia aproxima o esporte da educação, da saúde e do emprego, bem como diversifica as transmissões e as notícias esportivas. O objetivo é ir além da possibilidade



de conquistas de medalhas e da personificação momentânea dos esportistas, e que o esporte em geral integre os periódicos regularmente, mesmo após as disputas.

### **As atividades físicas e esportivas**

A prática de atividades físicas e desportivas depende da divulgação dos seus benefícios, visando sempre à melhoria da qualidade de vida da população. Cabe ao jornalista, pelo menos, informar as praças disponíveis. Já a parceria com o profissional de educação física e/ou de esportes é fundamental para aproximar (e esclarecer) detalhes como o condicionamento e as regras, diminuindo a distância entre o torcedor e o cidadão que, pela informação, tem a opção de fazer exercícios, pelo menos, três vezes por semana, aumentando as chances de fugir do sedentarismo.

A cultura jornalística vai além da competição, quando os atletas de alta performance são exaltados como exemplos para esta nova sociedade brasileira, avessa ao fracasso e à violência, mas apaixonada pelo esporte e pela educação física, com a educação sendo colocada em primeiro lugar na vida de um povo despojado, feliz e vitorioso. Da superação dos atletas e dos jornalistas depende o cidadão comum, que tem, nos heróis e nas notícias, a possibilidade de transformação e, com isso, a esperança de um Brasil melhor.

### **Considerações Finais**

Os canais de televisão e rádio apresentam diversos programas de debate e mesas-redondas sobre futebol. Seguindo o exemplo, os veículos impressos e a Internet perpetuam a padronização da notícia e das transmissões esportivas. Esses programas de auditório seriam ser substituídos por transmissões, inclusive da própria sede da emissora, de diversas modalidades, muitas com baixo custo, como o tênis de mesa e as de luta. Do mesmo modo, a cada dia uma modalidade integraria as páginas dos cadernos impressos de esporte. Quanto à Internet, surge uma possibilidade ainda maior com a transmissão ao vivo das diversas competições sendo feitas também pelos atletas, clubes e federações, que, além de arrecadar, divulgariam as diversas modalidades.



As transmissões esportivas, principalmente na televisão, no rádio e na Internet, necessitam de programação diversificada, com o público sendo privilegiado pelo contato com os mais variados esportes e com a atividade física. O mesmo se diz do jornalismo impresso, ao implantar uma política editorial que equilibre os cadernos de esportes, atualmente quase exclusivos ao futebol.

A reprodução do atual modelo de cobertura esportiva também é uma constante também nas faculdades de jornalismo. O conteúdo dos noticiários produzidos por universitários se limita à publicação dos resultados das competições e, quando possível, principalmente no rádio, aos comentários e entrevistas sobre os assuntos já divulgados e de interesse da grande imprensa. Até as competições internas são esquecidas.

Alunos e professores reforçam o padrão estabelecido, sem se preocupar em estabelecer um debate sobre a atual situação e o destino do esporte e da atividade física no Brasil. Cabe aos jornalistas que trabalham nas empresas e nas universidades modificarem o atual quadro, com a introdução de novas pautas que possam ir além do futebol.

Torna-se essencial para o jornalista esportivo compreender que existem praticantes e admiradores dos variados esportes, assim como as pessoas cansam dos mesmos assuntos. Sem a diversificação da pauta, a consequência é a repetição. Ao explorar o universo do desporto e da atividade física, o campo de trabalho aumenta, possibilitando o surgimento de especializações e de novos veículos, programas e jornais. Todavia, a concentração em um número restrito de esportes, como acontece hoje, limita a atuação, causando uma competição acirrada, pela atenção do público, entre os jornalistas e os patrocinadores.

O desafio agora é conduzir o esporte e a educação física como atividade humana de direito, intrínseca à saúde, ao trabalho e aos meios de comunicação de massa. Das derrotas e das vitórias, resultam as lições para o jornalismo promover o debate público em benefício da população brasileira.



## **Bibliografia**

BELTRÃO, Luiz. *Teoria e prática do jornalismo*. Adamantina: Fai/Cátedara Unesco Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional/Edições Omnia, 2006.

BLÁSQUEZ, Niceto. *Ética e meios de Comunicação*. São Paulo: Paulinas, 1999.

CASTAÑON RODRÍGUEZ, Jesús. *El lenguaje periodístico del fútbol*. Valladolid: Secretariado de Publicaciones, Universidad, D.L. 1993.

ERBOLATO, Mario. *Jornalismo especializado*. São Paulo: Atlas, 1981.

FONSECA, Ouhides João Augusto da. *O cartola e o jornalista – influência da política clubística no jornalismo esportivo*. [Tese] São Paulo: Eca/Usp, 1981.

HELAL, Ronaldo. *Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1997.

LEVER, Janet. *A loucura do futebol*. Rio de Janeiro: Record, 1983.

MARQUES, José Carlos. *Comunicação e esporte – diálogos possíveis*. São Paulo: Artcolor, 2007.

MARQUES, José Carlos; CARVALHO TOLEDO, Vera Regina & CARVALHO, Sérgio. (orgs) *Comunicação e esporte – tendências*. Santa Maria: Pallotti, 2005.

MARTINS, Isildinha. *A comunicação nas organizações desportivas no Brasil – profissionais e instrumentos*. (Tese de doutorado) São Bernardo do Campo: Umesp, 2006.

MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.

SOARES, Edileuza. *A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo*. São Paulo: Summus, 1994.

TAMBUCCI, Paschoal Luiz; MARIZ DE OLIVEIRA, José Guilmar & SOBRINHO, José Ceolho. (orgs) *Esporte & jornalismo*. São Paulo: Cepeusp, 1997.

TÁVOLA, Artur da. *Comunicação é Mito*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.